

DO RIO AO TRAÇADO URBANO, E NOVAMENTE AO RIO (alguns apontamentos para pensar a cidade de Boa Vista/RR)

Rafael da Silva Oliveira*

Universidade Federal de Roraima

Resumo

O presente artigo busca refletir sobre as transformações na organização espacial da cidade de Boa Vista, desde sua gênese até o presente momento. Sendo assim, o crescimento populacional, o surgimento de bairros, a carência infra-estrutural de espaços da cidade e as mudanças na relação cidade-rio são alguns dos temas abordados no *paper* em tela. Estabelecemos três momentos, distintos e articulados, atrelados a organização espacial da cidade de Boa Vista, a saber: o primeiro momento associado a gênese da cidade – sendo marcado por fortes relações entre a cidade e o rio Branco; a segunda marcada pelo crescimento da cidade a partir do traçado urbano “de costas para o rio” e; o terceiro registrado a partir do final da década de 1990, quando o rio Branco volta a desempenhar importante papel influenciador na dinâmica organizacional e, principalmente, simbólica da cidade boavistense.

Palavras-chave: organização espacial, Boa Vista, rio Branco.

Abstract

The present article searches the reflection about the changes in the spacial organization of Boa Vista city, since the beginning until now. So, the populacional growth, districts rising, the infra-structural need of spaces in the city and the changes in relation city-river are some themes that is discussed in this text. We established three moments, different and articulates ones, uned to the special organization of Boa Vista city, knowing: the first moment associated to the city beginning – being marked by strong relations between the city and the Branco river; the second marked by the growing of the city starting the urban design “back onto the river” and, the third registrated started in the end of 1990 decade, when the Branco river come back to perform an important paper influencing in the organizational dynamism and, mainly, as a symbol of Boa Vista city.

Key words: spatial organization, Boa Vista, Branco river.

Iniciando a conversa

Quando chegamos na cidade de Boa Vista, em dezembro de 2005, a referida capital – celebrada por seus moradores como a mais setentrional do Brasil – despertou muita curiosidade, principalmente no que tange suas praças, orla e, em especial, pela hospitalidade de todos.

Imagens como o Complexo Ayrton Sena, a Orla Taumanan e o Parque Anauá fascinaram, sobretudo no horário noturno, cujos lugares supramencionados ganham animação especial com o fervilhar do

burburinho noturno gerado pelas pessoas que usufruem desses espaços de encontro e sociabilidade. Chafarizes, quadras, quiosques são animados por pessoas de todas as idades que caminham, conversam, brincam, praticam esportes, ou – simplesmente – contemplam o movimento das pessoas.

As referidas imagens começaram a “perder foco” quando conhecemos Boa Vista “como um todo”, pois nos deparamos com uma cidade injusta e com extremas contradições. O que antes encarávamos como imagens hoje são elementos que acentuam as

contradições da cidade boavistense, onde os mais pobres não têm direito à cidade – na acepção mais ampla de Lefèbvre (2001) – apesar de estarem situados bem próximos das amenidades citadas anteriormente.

Neste caminho pretendemos objetivar nossa reflexão, buscando compreender as cidades dentro da cidade, as marcas mais profundas escamoteadas na cicatriz superficial, partindo da compreensão dos processos históricos que consubstanciaram para que a cidade de Boa Vista adquirisse tais características.

Sendo assim, partiremos da análise acerca das transformações ocorridas ao longo da história, desde sua ocupação inicial às margens do rio Branco, passando pelo plano urbanístico – calcado no “arruamento de costas” para o rio –, até as reformas de revalorização do rio através da construção da Orla Taumanan.

Nossa tarefa é estabelecer um panorama dos principais processos históricos que condicionaram nas alterações do espaço vivido da cidade em tela, sobretudo no que tange o surgimento de bairros, emergência e decadência de determinadas áreas ao longo do tempo, pois assim iremos montar um cenário – ainda que inicial – da atual realidade (contraditória) da cidade.

Isto posto, podemos estabelecer, grosso modo, três momentos vinculados à organização espacial da cidade de Boa Vista:

a) o primeiro, marcado desde sua ocupação inicial até o início da década de 1940 – quando a população e a própria lógica da disposição da cidade possuíam relação diretas com o rio Branco, cujo referido eixo de circulação era a principal via de conexão entre Boa Vista e o principal centro mais próximo: Manaus;

b) o segundo iniciado a partir de intervenções urbanas, em meados da década de 1940, através do planejamento da cidade, cujo traçado começa a estimular ocupações mais afastadas do rio, marcado pela abertura da BR-174 (na década de 1970) e o “boom” populacional ocasionado pelo garimpo (década de 1980) e;

c) o terceiro e último momento, ainda em pleno curso, é marcado com as atuações do capital imobiliário, estado e prefeitura – cujo rio Branco e, sobretudo, o posicionamento em prol da revalorização do rio, tornou-se símbolo do discurso para valorização da venda de imóveis e estruturação do turismo.

Cumprir mencionar que a referida divisão busca apenas facilitar a reflexão desta complexa porção da realidade, não sendo – em nenhum momento – encarado como fases/períodos estanques e, nem tampouco, indissociáveis, pois, apesar do esforço de perceber o momento de maior tendência no curso das transformações espaciais, é indubitável que não existem marcos precisos que definam onde começa um período e encerra o outro.

A gênese da cidade de Boa Vista: a íntima relação com o rio Branco

A história da ocupação populacional de Boa Vista se confunde com o estudo da origem de Roraima. No final do século XVIII, os portugueses iniciam sua ocupação na área do alto rio Branco, instalando três fazendas estatais de gado, conhecidas como Fazendas Reais, a saber: Fazenda de São Marcos, Fazenda de São Bento e Fazenda de São José (BARROS, 1995).

A partir deste momento surgem os primeiros estímulos – ainda que de forma acanhada – voltados para ocupação da região

do vale do rio Branco, através do investimento na criação e abate de gado, tornando-se assim uma importante fornecedora de carne para a sub-região ao norte do rio Negro (SILVEIRA & GATTI, 1988). Diniz (1998) aponta que o referido empreendimento pecuário, além do abastecimento para a sub-região supramencionada, desempenhava um papel geopolítico na ocupação do alto rio Branco pela Coroa Portuguesa. Barros (1995, p.47), ao discorrer sobre a questão, enfatiza que *“somente os objetivos lusitanos de assegurar a posse territorial explicam o extraordinário esforço de ocupação pecuária nas altas partes do rio Branco”*.

Com a independência do Brasil, as Fazendas Reais passam a serem denominadas de Fazendas Nacionais que, por conta do abandono e carência de fiscalização, vão sofrendo invasões de iniciativas particulares (SILVEIRA & GATTI, 1988). Desde, então, as Fazendas e criatórios do alto rio Branco sofrem um processo de privatização – somente a Fazenda de São Marcos persiste até o momento hodierno, sendo pertencente à FUNAI. Por volta de 1840 foi instalada, às margens do rio Branco, a Fazenda de Boa Vista, sendo fundada, posteriormente (1858), a Freguesia de Nossa Senhora do Carmo – cuja sede é a própria localidade de Boa Vista.

Sendo assim a cidade de Boa Vista surge à margem direita do rio Branco a partir do pequeno povoado que se estabeleceu na fazenda de gado do mesmo nome (AMBTEC, 1994). Sua gênese encontra-se intimamente dependente da navegação pelo rio Branco, sobretudo no tocante ao escoamento de gêneros alimentícios (oriundos da cidade de Manaus, visando abastecer o mercado interno de Boa Vista) e fluxos de pessoas.

Sua estrutura urbana, na fase inicial da cidade, herda as influências do estilo

lusitano, sendo representada por lotes estreitos e casas conjugadas dos dois lados. A variação no relevo ribeirinho influenciou na própria dinâmica de ocupação, ou seja, a cidade se posicionava de frente para o rio Branco (BARROS, 1995), cujo cotidiano da população e, principalmente, à economia da cidade estavam intimamente atrelados ao rio – único eixo de circulação na época.

Em 1924, a cidade de Boa Vista era constituída por três ruas paralelas ao rio e contava, também, com poucas unidades construídas, sendo os edifícios públicos, as casas comerciais e a igreja os principais estabelecimentos situados próximo do porto fluvial.

Neste momento o movimento da cidade e sua estrutura organizacional assumem feições de tipicamente ribeirinha, cujas práticas interativas e o próprio modo de vida da cidade boavistense estão intimamente associados à dinâmica do rio.

Segundo Cavalcante (1945), em 1940 a cidade de Boa Vista contava com um número pouco superior a 1.100 pessoas, sendo que o município registrava 7.424 habitantes (IBGE, 1990), tendo seu dinamismo e comércio dependente do transporte fluvial, pois quase tudo que era consumido na cidade vinha de Manaus.

Assim sendo, podemos afirmar que a cidade de Boa Vista, no período supramencionado, é uma cidade ribeirinha, pois as práticas interativas e o próprio modo de vida estão intimamente ligados ao rio. Trata-se de um elo sócio-econômico que ultrapassa a simples contemplação do rio devido à localização da cidade (TRINDADE JÚNIOR, 2003).

A cidade expande seus limites: o traçado urbano e o “boom” do garimpo

A partir de meados da década de 1940 ocorre uma significativa alteração na organização espacial da cidade de Boa Vista, intervindo substancialmente nas relações dos cidadãos com a cidade em si. Cumpre mencionar, em 1943 o acanhado aglomerado torna-se capital do Território Federal¹, cuja evidente carência estrutural somado a preocupação do Estado em exercer uma ocupação mais efetiva no extremo norte do país contribuíram para a produção do espaço urbano planejado na referida cidade. Silva (2007, p.62) contribui ao registrar que

"A partir desse pequeno núcleo pré-existente, planejou-se uma cidade que pudesse exercer o papel do poder central na fronteira e demonstrar o significado de Brasil potência, para os que pudessem apreciar o novo urbano inspirado em Belo Horizonte, havendo considerações de que a cidade também foi projetada com inspiração em Paris, em uma alusão às ruas da capital francesa.

O núcleo embrionário tornou-se o centro do poder brasileiro naqueles confins amazônicos."

Neste contexto, o segundo momento, marcado pela “racionalização” do espaço e pelo grande crescimento populacional – contribuindo para a emergência de diversos bairros –, ocorreu a partir de 1946, sendo evidenciado pela ruptura com as relações ribeirinhas, marcando em Boa Vista um planejamento que, como Carlos Santos (1988) apontou ao discorrer sobre o planejamento urbano no Brasil, ignorava o passado por conta do “futuro e progresso”. Sobre as transformações na organização espacial da cidade de Boa Vista, Barros (1995, p.151), ao

escrever sobre o referido assunto, aponta:

“a 'cidade velha' e lusitana dos tempos da pecuária exclusiva e dos primeiros esforços de mineração, remanesceu no declive do terraço ribeirinho, mirando o rio Branco, enquanto o estado federal tratou de construir uma nova cidade na superfície quase perfeitamente plana e monótona, de campos, com horizontes sem fim, em cuja direção iam as vias radiais, e dando as costas aos detalhes caprichosos dos níveis dos terraços ribeirinhos, das sinuosidades das margens do rio, e do verde da floresta ciliar do rio Branco.”

O referido plano urbanístico de 1946 – que alterou decisivamente o espaço da cidade – é marcado por uma ampla praça circular (de “costas para o rio”), onde estão localizados os poderes (Palácio do Governo, Assembléia Legislativa, Palácio da Justiça, Receita Federal) e, também, uma nova igreja com traços mais modernos. Da referida praça partem radiais (para o norte, oeste e sul), sendo avenidas amplas que seguem em direção aos bairros mais distantes. Além da monumentalidade evidenciada na praça central – constituída por fixos associados à administração pública –, verificamos que os lotes são amplos e as edificações isoladas, marcando assim uma cidade horizontalizada.

A partir deste momento a cidade se expande “de costas para o rio Branco”, fato verificado também no tocante ao debate na época que começava a considerar a necessidade da criação de outros eixos de transporte para realização do escoamento. Neste sentido, vários pesquisadores, principalmente engenheiros, apontavam acerca da importância/relevância do encurtamento do tempo de deslocamento entre as cidades de Boa Vista e Manaus, chegando a

propor, num primeiro momento, a criação de uma ferrovia e, posteriormente, uma rodovia para maximizar os fluxos e as relações econômicas, haja vista a dificuldade do contato entre Boa Vista e a principal cidade abastecedora da capital roraimense: Manaus (SOUZA, 1977; GUERRA, 1957).

Convém registrar, que o primeiro traçado verificado da cidade de Boa Vista em direção à Manaus foi aberto pelos beneditinos, na década de 1930, a partir de concessão à Companhia Industrial do Rio Branco, pertencente ao Mosteiro de São Bento (BARROS, 1995). Tal iniciativa resultou no pequeno trecho entre Boa Vista e Mucajaí, mas, por falta de manutenção, rapidamente tornou-se intrafegável (GUERRA, 1957).

Com o intuito de povoar a região, em 1944, o então governador do Território o Cap. Ene Garcez trouxe para a região algumas famílias, fundando a chamada Colônia Fernando Costa, nas margens do rio Mucajaí. Cumpre mencionar que tal iniciativa visava reduzir o alto custo de vida, principalmente no que tange a alimentação – que vinha pelo difícil trajeto Manaus-Boa Vista – para abastecer os mercados locais (DINIZ, 1998).

A dificuldade de acesso e o isolamento eram os principais problemas dos colonos que, sem expectativas de melhora, regressavam para cidade de Boa Vista. Sendo assim, vários esforços foram registrados no sentido de ampliar a extensão da estrada, mas, somente no final da década de 1940, o governo do Território alcançou Caracarái.

Neste momento Caracarái se consolida por conta do seu papel estratégico, principalmente no processo de transporte do Baixo Rio Branco até Manaus (AMBTEC, 1994). Tal situação contribuiu para que em 1955 fosse

instalado o município de Caracarái, constituído com parte das terras de Boa Vista e Catrimani², formando – juntamente com Boa Vista – os dois núcleos mais antigos no povoamento do Vale do Rio Branco.

Entre meados das décadas de 1940 e 1980, apesar da criação do município de Caracarái – que passava a desempenhar importante papel de escoamento e recebimento de mercadorias até o seu porto para que fosse transferido, posteriormente, para Boa Vista pela estrada – vários incentivos do governo contribuíram para o crescimento da população urbana concentrada na capital (VALE, 2005). A presente afirmação ganha contornos mais explícitos ao analisarmos o surgimento e expansão dos bairros.

Se compararmos as décadas de 1940 e 1960, perceberemos que a população do município de Boa Vista saltou de 7.424 para 28.871 (IBGE, 1990), sendo prioritariamente seu contingente concentrado no sítio urbano. Nos anos 1960 o perímetro urbano, segundo Vale (2005, p.84), “[...] *coincidia com a área central atual, delimitada pelo igarapé Calungá e pelas avenidas Terencio Lima e Major Williams*”.

Cumpre mencionar que além dos incentivos do governo, a chegada de levas de migrantes ocorreu, também, graças à atração exercida pelos garimpos de diamantes situados na serra do Tepequém e nos vales dos rios Mau, Cotingo e Suapi (BARROS, 1995).

Já na década de 1970 ocorre uma expansão da área periférica, sobretudo por conta da implantação do 6º Batalhão de Engenharia de Construção (6º BEC), que passou a ocupar uma expressiva extensão de terra no chamado bairro Mecejana. No final da década em tela, surgem novos conjuntos habitacionais, ampliando significativamente

os bairros Aparecida, São Pedro, São Francisco, 31 de março e Canarinho (FIGURA 1).

Apesar do garimpo de diamantes em Roraima existirem desde o final da década de 1930, seu “boom” ocorreu no final dos anos 1980, especialmente a partir do período de transição da condição de Território Federal para Estado, momento em que aumentam as tensões entre índios e garimpeiros. O fluxo de garimpeiros para Roraima vai influenciar na organização espacial da capital, sendo estimulado pelo próprio poder público. Como nos mostra Barros (1995, p.153):

“áreas na periferia, com lotes doados gratuitamente pelo poder público, foram freneticamente ocupadas por habitações no período recente do garimpo (1987-90), como o bairro de Asa Branca, enquanto ao mesmo tempo aconteciam invasões no bairro do Beiral (sic), às margens do rio Branco, ao sul e contíguo à 'velha cidade' (ao sul do centro antigo, i. é, do centro ribeirinho). Antes que muitas casas estivessem prontas, a desarticulação do garimpo deixou centenas de habitações semi-acabadas, e fechadas, posto que a razão para a permanência destes moradores em Boa Vista não mais existia.”

Verificamos que entre 1987 e 1990, foi registrado o maior fluxo migratório em Boa Vista, estimulada pela busca do ouro nos garimpos de Roraima a população quase dobrou o número de habitantes – de 72.758 em 1987 para 115.247 em 1990, segundo os dados do IBGE/RR. O crescimento em comento vai suscitar no surgimento de diversos bairros, notadamente ausentes de infra-estrutura mínima para sua existência.

A partir do registro supramencionado evidenciamos que enquanto a periferia aumentava suas dimensões, como ocorreu com

a criação do bairro Asa Branca – a partir do afã garimpeiro, construindo casas que ficavam abandonadas, pois seus proprietários passavam boa parte do ano isolados nas áreas de garimpo – consolidava-se uma área de invasão: o Beiral.

Isto posto, a década de 1980 é marcada pela produção e consolidação de novos bairros na cidade, a saber: em 1981 surgem os bairros São Vicente, São Vicente Industrial e 13 de Setembro; em 1982, são criados os bairros Pricumã, Liberdade, Marechal Rondon, Centenário e Caçari I; em 1984 aparecem os bairros Caçari II e Cauamé; em 1985 Buritis e Caimbé; em 1986 surgem os bairros Asa Branca e Tancredo Neves e; em 1989 são criados os bairros Paraviana e Cambará.

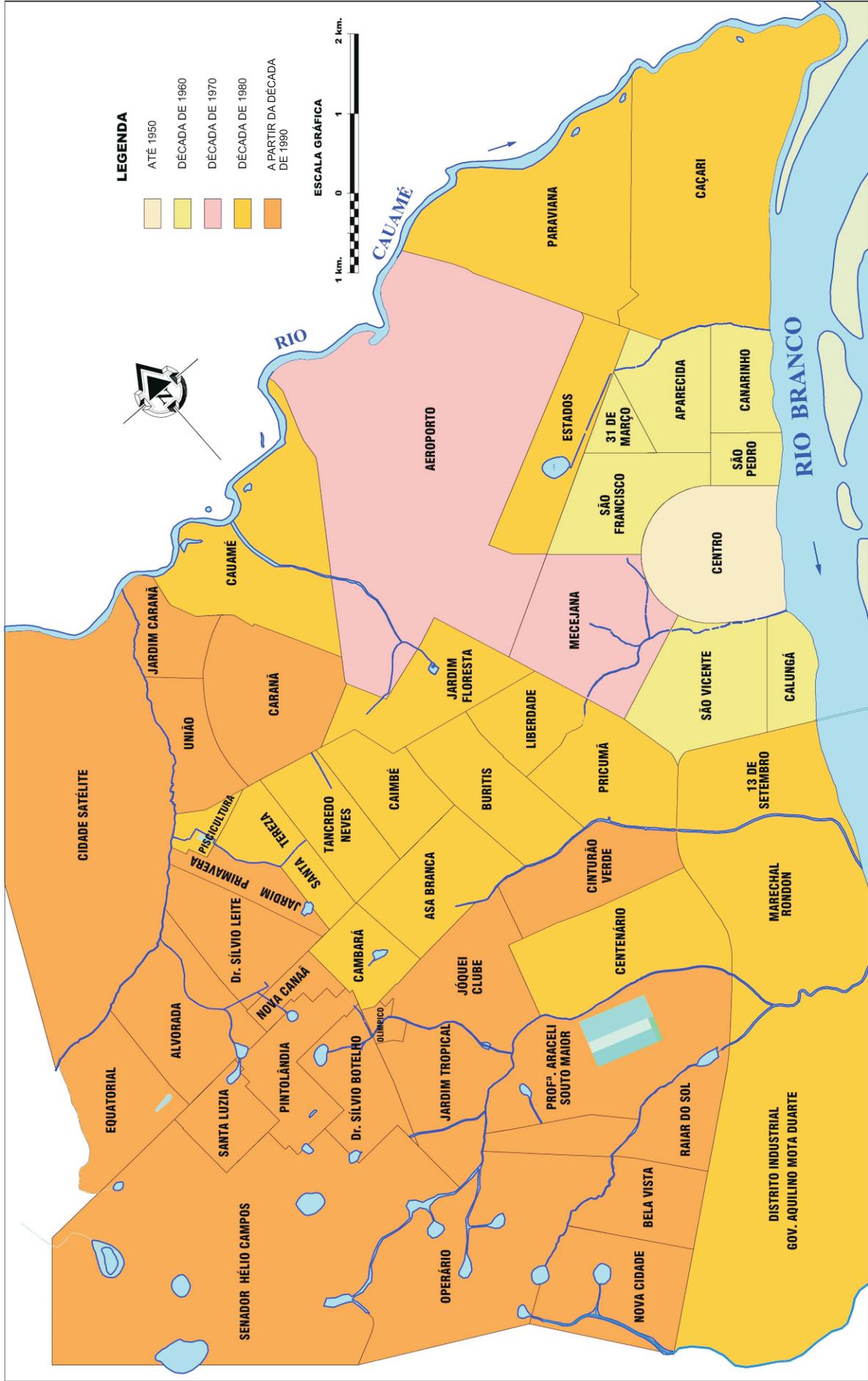
A partir do início dos 1990, além da migração inter-regional, verifica-se forte intensificação da migração intra-regional, marcando assim um grande êxodo rural no cerne do estado de Roraima. Neste contexto, novos bairros surgem como consequência: Caraná, Nova Canaã, Jardim Tropical, Jardim Equatorial, Nova Cidade e Pintolândia.

Cumpre mencionar que a cidade de Boa Vista, neste segundo momento, se dilata sem desenvolver, ou seja, ampliou suas dimensões, mas de maneira precária, concentrando as amenidades e os equipamentos urbanísticos no centro e nos bairros mais imediatos. Neste sentido, bairros surgem em poucos dias sem nem, ao menos, dispor de energia elétrica e água encanada, contribuindo assim para (re)produção da injustiça sócio-espacial.

A revalorização do rio Branco: acentuando as contradições entre a "cidade exaltada" e a "cidade ignorada"

Já o terceiro momento é marcado pelas

Figura 1 - Expansão da cidade de Boa Vista a partir dos bairros



Elaborado por Rafael da Silva Oliveira e René Fernando Jiménez.

transformações espaciais ocorridas a partir do final dos anos 1990 até o momento hodierno. Nesse período, em pleno curso, percebemos a inserção de novas formas espaciais, contribuindo para a (re)valorização de uma porção da cidade, aumentando assim os contrastes sócio-econômicos e espaciais.

No cerne do momento em tela o rio Branco volta a desempenhar importante papel influenciador na dinâmica organizacional e, principalmente, simbólica para cidade de Boa Vista, só que – ao contrário das primeiras do século XX – para fins de especulação imobiliária e potencialização turística na orla fluvial.

Trindade Júnior, Amaral e Santos (2006, p.60), ao discorrerem sobre as políticas e a gestão urbanas na orla fluvial de Belém, afirmam que

“hoje, [...], uma nova dinâmica tem alterado tanto a estrutura espacial anterior, como a forma de viver e de se relacionar, dos homens entre si e destes com o rio. A cidade parece olhar para a modernidade, deixando para trás um ritmo, um tempo, que mesmo próximo, lhe parece remoto. Instalam-se ritmos, tempos, relações, movimentos, símbolos, representações, enfim, uma nova dinâmica que altera não só uma estrutura espacial anterior, mas, e principalmente, uma forma de viver e de se relacionar, dos homens entre si e dos homens com a natureza, tornada residual. A produção do espaço na orla da cidade sintetiza bem essa nova forma urbana, revelando novos conteúdos sociais”.

Sendo assim, as mudanças dos sistemas de objetos e sistemas de ações, conduzem a cidade e seus cidadãos para assunção de novas práticas e representações que buscam, de certa forma, reconstituir o "elo perdido" imposto pelo crescimento “de costas para o rio”.

Cumprir externar que tal dinamismo busca fôlego, na imagem que se cria ou, melhor seria, do simulacro, de “cidade ribeirinha”, cujo elemento “rio” passa a ser um item de valorização do espaço e da reconstrução de uma imagem evanescente.

Neste sentido, o rio passa a ser um produto, onde morar com “vista para o rio Branco” passa a ser um dos argumentos dos empreendedores imobiliários. No bojo da referida postura os bairros Caçari e River Park passam a sofrer, neste momento, uma forte valorização imobiliária, passando a abrigar os mais abastados (FOTO 1). O fato se confirma após o início das obras do primeiro edifício residencial que recebeu o sugestivo nome de “Varandas do Rio Branco” (FOTO 2).

O edifício “Varandas do Rio Branco” recebeu esse nome pelo fato de proporcionar uma visão para o rio Branco de qualquer apartamento a partir do terceiro andar (FOTO 3). Será composto por 18 andares e 36 apartamentos - somente dois por andar (com 169 metros quadrados cada). Os apartamentos terão três suítes, sala de estar, escritório, cozinha e área de serviço. No exterior do edifício, está sendo construído um grande pátio para eventos, além de piscinas, quadra de esportes, áreas de recreação e estacionamento.

Em entrevista concedida ao jornal Folha de Boa Vista, em 23/06/2006, O diretor da incorporadora Platinum – Ricardo Bezecry –, explicou que a construtora está contribuindo com Boa Vista, uma vez que o edifício residencial Varandas do Rio Branco é o primeiro na capital. E disse acreditar estar fazendo uma contribuição para a sociedade local, proporcionando que as pessoas conheçam essas novas tendências do mercado. O edifício ainda está em fase da construção da

Foto 1 - Residências de alto padrão próximo do rio Branco: nova área de expansão do mercado imobiliário para atender a população com maior poder aquisitivo



Fotografado por Roberto Carlos Caleffi no primeiro semestre de 2008.

Foto 2 - Edifício Residencial "Varandas do Rio Branco" em fase de conclusão



Fotografado por Roberto Carlos Caleffi no primeiro semestre de 2008.

Foto 3 - Vista para o rio Branco da varanda de um dos apartamentos do décimo oitavo andar



Fotografado por Roberto Carlos Caleffi no primeiro semestre de 2008.

estrutura, no entanto, a empresa já comercializou mais de 50% dos apartamentos e a previsão para a entrega da obra finalizada será em 30 de junho de 2008.

No tocante ao turismo, a Prefeitura de Boa Vista reestruturou, em 2005, a orla fluvial situada no local do início da cidade em tela, a tornando atrativa para o turismo (FOTO 4). Quiosques, restaurantes e duas plataformas foram construídas para estimular o deslocamento de moradores e turistas para visitarem o rio Branco. A referida orla, denominada como Taumanan, é repleta de referências sobre o passado concernente à gênese da cidade e sua relação com o rio Branco, visando uma construção do imaginário ribeirinho.

Com o intuito de estabelecer um contraponto entre a imagem criada e “comprada” por poucos com a realidade vivida pela grande maioria da população da

referida cidade, apresentamos sucintamente dois exemplos, a saber: o Beiral e o Conjunto Cidadão.

O Beiral (FOTO 5), como já registrado anteriormente, é um conjunto situado no Centro que surgiu em meados da década de 1980, recentemente passou a ser considerado um bairro, tendo seu nome alterado para Caetano Filho (vale chamar atenção que apesar da mudança do novo nome adotado, a população continua chamando e reconhecendo a localidade pelo anterior: Beiral). É considerado um dos locais mais precários da cidade, com problemas de saneamento básico e altos índices de violência, sendo uma das diversas porções esquecidas da cidade, apesar de distar poucos metros da orla que sofreu grandes alterações para sua melhoria. A comunidade vive basicamente do comércio da pesca realizada no rio Branco. O Beiral é a resistência ribeirinha

Foto 4 - Orla Taumanan



Fotografado por Roberto Carlos Caleffi no primeiro semestre de 2008.

Foto 5 - Principal rua do Beiral



Fotografado por Roberto Carlos Caleffi no primeiro semestre de 2008.

Foto 6 - Uma das ruas do Conjunto Cidadão - situação comum em muitos bairros da Zona Oeste da cidade de Boa Vista



Fotografado por Roberto Carlos Caleffi no primeiro semestre de 2008.

dentro da cidade beira-rio, onde certamente não lhe sobrou muito espaço e, nem tampouco, atenção.

Já o Conjunto Cidadão (FOTO 6), situado no bairro Senador Hélio Campos, se encontra na porção oeste da cidade. Foi criado em janeiro de 2003 pelo Governador eleito Flamarion Portela, como cumprimento de uma promessa de campanha onde tinha assumido o compromisso de diminuir o déficit habitacional do estado de Roraima. O referido ex-governador tinha prometido durante a campanha eleitoral construir mil casas caso ganhasse a eleição (CARVALHO & ARAÚJO, 2007). Atualmente o referido conjunto possui 980 residências, distribuídas em 33 quadras, com uma área total de 1.000.492m², incluindo áreas verdes e institucionais.

As referidas casas foram construídas pela própria população, em sistema de mutirão, onde não houve um planejamento adequado

para a construção do conjunto supramencionado, pois este foi inserido dentro de uma nascente difusa que no período de maior incidência de chuva forma-se um complexo lagunar, causando enchente (CARVALHO & ARAÚJO, 2007).

Falta de saneamento básico, poluição e degradação ambiental, ausência de pavimentação e serviços públicos ou atividades que envolvam a sociedade são alguns dos diversos problemas enfrentados pelos moradores do Conjunto Cidadão e de vários bairros da cidade boavistense, principalmente, os situados na parte oeste.

O Conjunto Cidadão é um exemplo dentre diversos conjuntos e bairros de Boa Vista que se constituíram a partir de interesses eleitoreiros, onde a manutenção da pobreza contribui para alimentar somente o interesse de uma parcela política que consegue seus

votos nessas áreas, através de promessas de campanha.

Isto posto, é indubitável a presença de "algumas cidades" dentro da cidade de Boa Vista, constituída por dois eixos principais, a saber: de um lado, bairros emergentes se consolidam dentro das novas práticas e significações construídas em torno do rio Branco e; de outro, a cidade das formas excluídas, constituída por bairros precários e sem infra-estrutura, criados a partir de projetos do governo de ocupação, invasões ou de promessas eleitoreiras.

Considerações Finais

Que cidade queremos? Creio que devemos começar a pensar em uma cidade onde a justiça social se manifeste nos espaços e não em "alguns espaços". As cidades vivem transformações no bojo da modernização que acentuam as desigualdades sociais – apresentando, em detrimento da maioria, diversas formas de pobreza.

Ao longo do tempo, as transformações espaciais, na Boa Vista, contribuíram para expandir os espaços da cidade, mas não os benefícios oferecidos por ela. Como se a cidade negasse parte da mesma. Tal situação nos faz lembrar a contribuição de Orozco (2005, p.278-280) ao versar sobre a urbanização da miséria em Cali:

"Lo que queda al margen de los beneficios es marginal. Lo que no alcanza a constituir ciudad plena, genera desorden. Lo que no es ciudad, es no-ciudad; es aglomeración dentro del sistema urbano. [...] No sobra decir que en estos pocos entornos da ciudad, se percibe como de *mal gusto*, la presencia de pobladores de la no-ciudad, [...] la negación de la ciudad como tesis no pretende desaparecer la cosa (la ciudad), asunto por demás imposible, sino

evidenciar (con palabras) que la cosa, cuando existe, no existe para todas y todos; la cosa ha sido negada para grupos importantes de población a quienes sólo se les entregan palabras."

A não-cidade se apresenta na condição de inquietação e insatisfação frente às contradições que se impõem no âmago da cidade. É necessário pensar uma outra cidade, distinta da hodierna, onde os espaços da injustiça se tornem lugares que possibilitem o pleno direito à cidade.

Acreditamos que compreender as transformações e contradições das cidades ao longo da história já é um importante passo. Sendo nosso desafio atual, mais do que nunca, edificar reflexão sobre como(?), quem(?) e para quem(?) estamos e queremos construir nossa cidade.

Notas

* Professor Assistente do Departamento de Geografia (Instituto de Geociências) da Universidade Federal de Roraima (UFRR); mestre em Ordenamento Territorial e Ambiental pelo Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF); pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira (NEPECAB).
e-mail: rafasol@bol.com.br

¹ Em 1943 o Governo Federal criou o Território Federal do Rio Branco, sendo alterado em 1962 para Território Federal de Roraima – visando evitar a confusão que geralmente ocorria com a capital do Acre – e em 1988 passa a condição de Estado de Roraima (FREITAS, 1997).

² Quando o Território Federal do Rio Branco foi criado, juntamente com ele criaram o município de Catrimani que nunca foi instalado (CAVALCANTI, 1945; GUERRA, 1957).

Referências Bibliográficas

AMBTEC, Fundação do Meio Ambiente e Tecnologia de Roraima. *Roraima. O Brasil do hemisfério norte: diagnóstico científico e tecnológico para o desenvolvimento*. Roraima: AMBTEC, 1994.

- BARROS, Nilson Cortez Crócia de. *Roraima: paisagens e tempo na Amazônia setentrional*. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1995.
- CARVALHO, João Quêndido Gomes & Araújo, Rosilene Nogueira de. "Algumas considerações sobre os impactos na nascente do igarapé Caranã, Boa Vista-RR". *ACTA Geográfica*. Boa Vista, I (1), 2007. pp.95-103.
- CAVALCANTE, Araújo. *Recuperação e desenvolvimento do Vale do Rio Branco*. Rio de Janeiro: IBGE, 1945.
- DINIZ, Alexandre. "A evolução da fronteira em Roraima: o caso das confianças I, II e III". In.: ALVES, Cláudia L. E. (org.). *Formação do espaço amazônico e relações fronteiriças*. Boa Vista/RR: UFRR, 1998. pp.150-179.
- FOLHA DE BOA VISTA. "Varandas do Rio Branco – apartamento está aberto à visitação". *Cidades*. Boa Vista/RR, 23 de junho de 2006.
- FREITAS, Luiz Aimberê S. de. *Políticas públicas e administrativas de Territórios Federais Brasileiros*. Boa Vista/RR: Corprint gráfica e editora Ltda, 1997.
- GUERRA, Antônio Teixeira. *Estudo Geográfico do Território do Rio Branco*. Rio de Janeiro: IBGE, 1957.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais – 1550 a 1988*. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.
- LEFÈBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- OROZCO, David Millán. "La urbanización de la miseria en Cali". In.: PATIÑO, Análida Rincón (org.). *Espacios urbanos no con-sentidos. Legalidad e ilegalidad em la producción de ciudad – Colombia y Brasil*. Medellín: Universidad Nacional de Colombia/Escuela de Planeación Urbano-Regional, 2005. pp.269-296.
- SANTOS, Carlos N. *A cidade como um jogo de cartas*. Rio de Janeiro: EdUFF; São Paulo: Projeto Editores, 1988.
- SILVA, Paulo Rogério de Freitas. "Reencontrando a primitiva cidade de Boa Vista". In.: *ACTA Geográfica*, Ano I, nº02, jul/dez de 2007. pp.57-68.
- SILVEIRA, I. & GATTI, M. "Notas sobre a ocupação de Roraima, migração e colonização". *Boletim do Museo Paraense Emilio Goeldi: Antropologia*. Belém, 4 (1), 1988. pp.43-64.
- SOUZA, João Mendonça de. *A Manaus-Boa Vista (roteiro histórico)*. Manaus/AM: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1977.
- TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da; AMARAL, Márcio Douglas Brito & SANTOS, Emmanuel Raimundo da Costa. "Estado, políticas urbanas e gestão do espaço na orla fluvial de Belém". In.: CASTRO, Edna (org.). *Belém de águas e ilhas*. Belém: CEJUP, 2006. pp.59-84.
- TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. *Imagens e representações da cidade ribeirinha na Amazônia: uma leitura a partir de suas orlas fluviais*. Belém/PA, 2003. (mimeo).
- VALE, Ana Lia Farias. *O "Ceará" em Roraima. Migração de cearenses: 1980-1999*. Jaboticabal: FUNEP, 2005.